

# Mãe Viva

MUNICÍPIO DE ESPINHO  
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Director: NUNO BARBOSA

SEMANÁRIO

ANO VIII N.º 349 — PREÇO 12\$50 — 21/7/83

NO MAR COM A COMPANHA

NO «VICKING 1.º»

RUMO A  
NORTE



— Reportagem na última página

Voleibol do  
SCE em  
«radiografia»

— Entrevista com o Prof. Luís Resende

— PÁGINA 7

S. Félix da Marinha

Tradição folclórica  
revive

— PÁGINA 4

Leia na página 3

A «estória» da vaca nadadora

AINDA O «CASO» DA RUA 19

ROLANDO DE SOUSA E  
ARO.º RUI LACERDA DEPÕEM

— PÁGINA 4

# BANDA DESENHADA

Colaboração do  
Atelier de Animação da Nascente



Milton Pinho  
Glória Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C  
TELEF. 720584

## RASCUNHOS

Uma das coisas boas de passar férias longe da nossa residência habitual é o termos oportunidade de dar valor a certas coisas de que não nos apercebemos, tal é a rotina que no-las impõe.

Por exemplo é gratificante concluirmos que, por melhores piteus que encontremos em qualquer poiso de comedoria, por mais prazer que tiremos da inexistência de horários para colocar as patas trazeiras sob a mesa, o melhor restaurante do mundo é aquele onde na grande maioria dos dias do ano demos as mesmas refeições, os mesmos pratos, sempre às mesmas horas.

Também é útil conhecermos os usos e costumes das terras estranhas onde passageiramente nos albergamos para moderar a nossa maledicência constante de que a nossa terrinha natal é um atraso de vida, onde não

acontece nada, onde tudo vai mal.

E, depois, acontecem coisas curiosas como, nós que passamos a vida a protestar contra a exiguidade da nossa estação dos correios, chegarmos à de Portimão, pouco depois da 6 da tarde, e só encontrar dois janelos abertos porque o resto do pessoal ciranda pelas instalações na azáfama de encerrar (ao que parece) serviços. E, mais ainda, depois de esta estação do meio caminho andado ter andado em obras por mais de dois anos, quando numa tarde de sábado um fabiano quer despachar uma carta já estampilhada com os 12\$50 da ordem (por enquanto...) e verifica que os buraquinhos em que é normal enfiar as missivas estão no sítio, mas bem atrás de uma grade que enlesoura as instalações postais.

Só há uma coisa em que não

há comparações possíveis. É neste areal enorme e relativamente limpo, neste mar calmo e quente, neste desfilar de belidades de peitos bem à mostra, com o inconveniente, suportável, de termos de aguentar a visão de algumas caquéticas senhoras que sobre o seu rugoso corpo só usam um minúsculo slip e mostram a todos aquilo que já não tem o menor interesse, nem outra emoção desperta senão a de pena por se não assumir devidamente o estatuto da idade.

Já me esquecia de referir um outro inconveniente, nisto de estar em férias a 600 quilómetros de distância. É um tipo ter que sacrificar uns minutos de ripanso ao sol quente para redigir uma crónica insípida a que se comprometeu.

Carlos P. Morais

## ESPELHO MEU

### Os caminhos do nosso descontentamento

De um momento para o outro, dou comigo a escrever sobre um assunto que refleta as minhas preocupações de momento.

Uma vaga de assuntos ocorrem sem saber qual o mais importante de entre os importantes.

Problemas que ao comum dos mortais neste país de «aves canoras», como diz um amigo, em que se protesta de viva voz, por sobreviver estar pela hora da morte.

No entanto, julgo que os problemas da juventude são aqueles que menos preocupam os cérebros bem pensantes da nossa praça.

Estamos em crise, é verdade. Mas, a crise tem que dar resposta à juventude. Esta gigantesca massa de energia que se torna necessária para que este país progrida. De momento, apenas lhe tem sido dada ritalina em mais ou menos quantidade, sob várias embalagens, conforme as necessidades. Não há escolas, não há empregos. Mas,

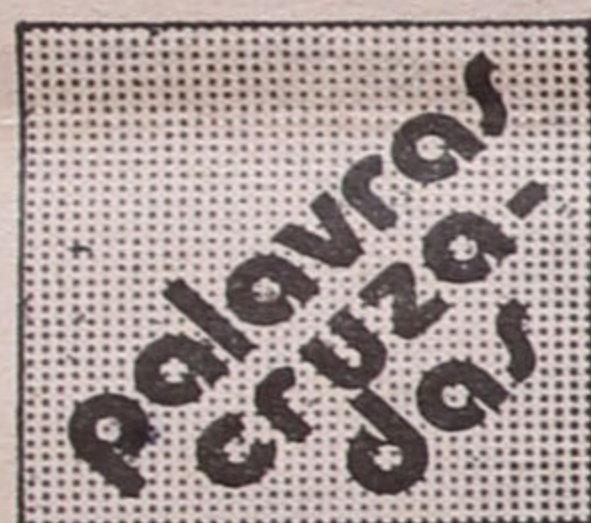
há droga, rock e tantas outras coisas que desmotivam a sua capacidade criadora.

Os nossos bisavós foram para o Brasil, abanar a árvore das patacas. O grito do Ipiranga pôs termo a tanto abanar. Os nossos avós descobriram a África, mas, o filão acabou recentemente. Os nossos pais descobriram a Europa mas esta já começou a fechar-nos as portas. A safda parece-nos óbvia, o mar. Mas, já não há novos mundos para descobrir. Essa tarefa foi da juventude dos nossos bisavós. O cosmos não está ao alcance deste país em crise.

É tempo de os cérebros deste país pensarem bem, nem que seja necessário subir a serra da Estrela e lá do ponto mais alto descobrir as potencialidades desta terra, onde a institucionalização do «salve-se quem puder» está na ordem do dia.

Basta de promessas vãs. É tempo de assentar arraiais, para construir um futuro bem diferente para todos nós.

M. F.



N.º 27

ligo; andam a ele os nudistas. 5 — Dão-no os noivos; este está amancebado. 6 — Tornava nasal com um antigo antes. 7 — Com este escrevo. Serviço Habitacional; o miolo da pera. 8 — Em inglês chama-se cast; irra. 9 — Quem o não faz não mama; é meio agiota. 10 — É ridículo no princípio; seguem-se ao ensaio geral. 11 — Sem eles não há omletes; não queira ninguém dar com eles na cadeia.

rar. 2 — Só, ad, trair. 3 — Avis, abre. 4 — Saletas, ias. 5 — Laterais. 6 — Avia, Múrcia. 7 — Rés, ferroam. 8 — Mi, leni, S.I.I. 9 — Ato, TSF, as. 10 — Saltão, IL. 11 — Reassumira.

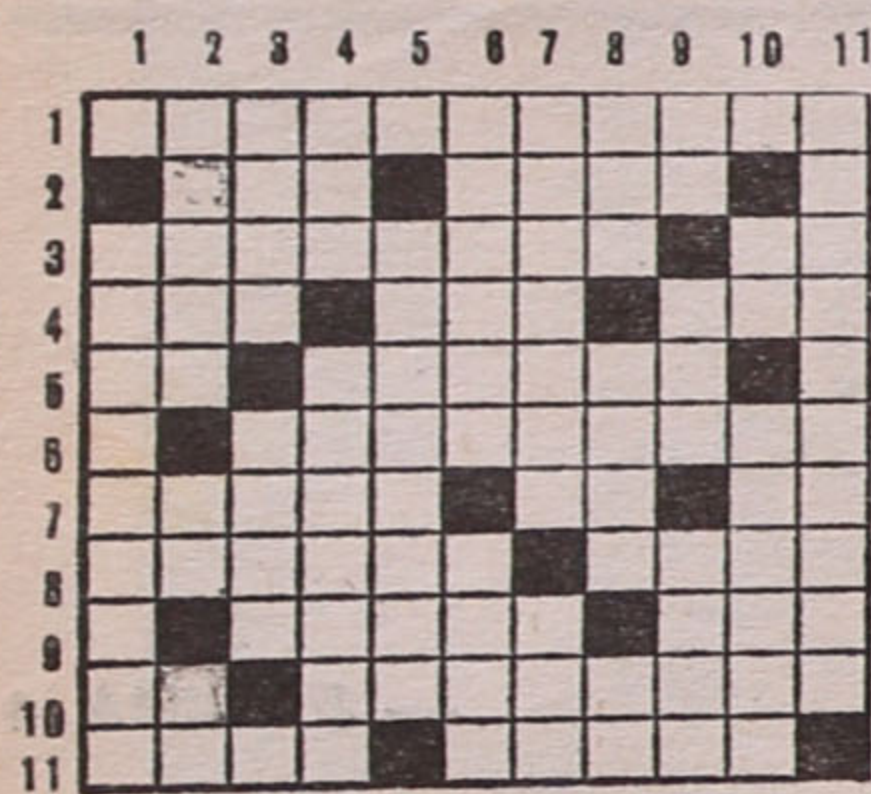
VERTICAIS: 1 — Asas, armas. 2 — Ló, alveitar. 3 — Alais, olé. 4 — Gaveta, Iota. 5 — Edite, fé, as. 6 — Sarmentos. 7 — Rt, Sauris. 8 — Ara, irr, fim. 9 — Rabiscos, LI. 10 — IRA, iaiá. Prestamista.

#### VERTICAIS

1 — Os semáforos acabaram com este. 2 — Posto em prática; assim começa o almanaque; quatro. 3 — Há muita gente à procura de uma onde se abrigar; isto é uma origem de pernas para o ar. 4 — Além disso; baixes a grimpa. 5 — Estas frutas são muito saborosas. 6 — Perto de Fátima há as da Moeda e as de Alvalados; é o nascimento de um astro. 7 — Estas são agradáveis; estas são o interior da farsa. 8 — Esta é a tal antes das vésperas; a da Madeira é bonita que se farta; assim começa o escândalo. 9 — O teso perdeu as vogais; mas que mentira; este derivado da carne de porco é muito apreciado. 10 — O carneiro só diz isto; a estas se amarram as velas. 11 — Fingireis para acabar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 26

HORIZONTAIS: 1 — Aligei-



#### HORIZONTAIS

1 — São-nos os que inter-vêm em escritura pública. 2 — Assim como há a Ponte da Barca, há a Ponte deste; estes vão todos dar ao mar. 3 — Um Cabral foi o primeiro a chegar ao Brasil pelo mar e este Cabral foi o primeiro a chegar lá pelo ar; 2000. 4 — Nos transportes há bilhetes só desta e também com volta; aqui

#### UM LIVRO

### "Gente de terceira classe"

Integrado na edição das obras completas de José Rodrigues Migueis, a editorial «Estampa» publicou recentemente «Gente da Terceira Classe», um livro que reúne alguns dos mais significativos contos do autor. Em «Gente de Terceira Classe» o tema da emigração está sempre presente, numa altura em que as franças ainda eram nos Estados Unidos. Ao longo destes contos, desfilam personagens complexas atiradas para a aventura, desentoadas que viram a sua pátria negar-lhes as condições de existência. São, no fim de contas, o relato primoroso das experiências vividas pelo autor, ele também um emigrante.

Um aspecto que surpreende neste livro, como aliás em todas as obras de José Rodrigues Migueis, é o rigor da escrita. O ritmo das

frases, a côr das palavras envolvem-nos, servem magistralmente a acção que nos contam. José Rodrigues Migueis aproxima a língua portuguesa dos limites da perfeição. Nalguns contos deste livro, o próprio relato parece secundário; é a força da forma como o autor o trata, como procura a construção certa para exprimir a sua ideia, como executa o encadeamento de palavras e frases que nos faz sentir perante momentos de literatura de dimensão inegalável.

Esta edição (a terceira) de «Gente de Terceira Classe» foi enriquecida com o pós-fácio «Marcas do Exílio na Obra de José Rodrigues Migueis», uma comunicação de Eduardo Lourenço ao simpósio sobre o autor realizado na Universidade de Brown, Massachusetts, em Novembro de 1981.

### Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:

Arroz de marisco, Lulas, Enguias, Caldeiradas, Açorda de peixe, Bons vinhos  
RUA 2 N.º 1355 — ESPINHO  
TELEF. 720091

### Vieira da Cruz

MEDICO

CLÍNICA GERAL

Consultório:

Rua 31 n.º 321 - Tel. 724401

4500 ESPINHO

Depósito Legal 2048/83

## MARÉ VIVA

SEMANÁRIO

Director: NUNO BARBOSA

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo  
REDACTORES — António Afonso, David Pontes, Idalina Pedrosa, João Barrosa, Joaquim Peito, Manuel Fonseca e A. Moreira da Costa  
REPORTAGEM FOTOGRAFICA — Idalina Pedrosa e Joaquim Peito  
COLABORADORES — Carlos P. Morais  
PAGINAÇÃO — Augusto Mota, João Barrosa e Manuel Fonseca  
CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Moselos), Henrique Ribeiro (Fiães), Henrique Sil (Anta), Joaquim Devesas (S. Félix da Marinha) e Manuel Santos (Guetim)  
Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 82. 251 - Telef. 721621  
Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, S. C. R. L.  
Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016  
Tiragem deste número: 2000 ex.

## RAICA

PRONTO A VESTIR

INSTITUTO DE BELEZA

Rua 62 n.º 101 - Tel. 722896

ESPINHO

## A «estória» da vaca nadadora...

Era uma vez uma vaca. Ou, se preferirem, uma tou-ra. De algures das cercanias de Espinho, veio ela, juntamente com outros irmãos e irmãs de raça, via-camião, até ao Matadouro Municipal. Tal como o fado ela, a vaca, tinha «o destino marcado»: ser transformada, quase miraculosamente, em bifes, costeletas, e tudo o que a culinária prescreve para aproveitamento da «chicha». Só que esta vaca não se conformou com o «fado». Vai daí mal o camião chegou ao seu último destino, desembarcou mais rapidamente que os seus companheiros de holocausto, atravessou a li-

nha do norte, ia quase sendo rapidamente transformada em montes de «hamburguers» por uma composição da CP, pôs em pânico o Bairro Piscatório e (maravilhas do Verão!), chegada à praia junto da «defunta» Fábrica Brândão Gomes, lançou-se ao mar...

Tubarão-tigre, peixe-gato, e outras misturas do género entre peixes e mamíferos constam de todos os compêndios de zoologia. Mas, uma vaca nadadora... Pois a referida vaca nadou para bem longe da costa, e foi literalmente «pescada» pelo barco da companhia que re-

gressava da sua faina. Mesmo laçada, a rês, ofereceu uma resistência tenaz, mal se deu conta de que tinha pé (perdão palta...) atacou à chifrada o barco e foi precisa uma camioneta para a arrastar até à Auschwitz do gado que (ainda) vai dando, involuntariamente claro, alguma coisa para as mesas dos espinhenses — o Matadouro Municipal.

Contrariamente ao que é costume, a companhia pescou carne. Isto passou-se na quinta-feira, dia 14 de julho.

A vaca, ou os bifes, irão para o Guinness no capítulo de natação?

## ARTESANATO AMBULANTE

Concerteza já devem ter reparado, que hoje em dia, cada vez mais se tem espalhado por todo o País, e sobretudo nos grandes centros turísticos, o «artesanato ambulante».

Como tal, também a Espinho afluem esses tais vendedores, que de tralha às costas, procuram um lugar mais ou menos cómodo para aí instalarem as suas bancas com as vistosas bijutarias a tentarem os passantes de domingo à tarde.

Espalhados pela baixa espinhense, sobretudo à beira mar e no subterrâneo, quem os não vê sentados no chão de pernas despreocupadamente cruzadas na esperança de conseguirem vender algo que dê para juntar mais alguns cobses.

Sem qualquer tipo de licença não se incomodam de serem corridos pela polícia, pois voltam novamente até que ela

se habitue à ideia de ver alguns preciosos metros quadrados ocupados por eles, já que ao fim de semana todo o milímetro quadrado é necessário para os transeuntes forasteiros.

Na semana passada, por exemplo, houve chatice no subterrâneo com um destes vendedores. Pois a Polícia não deve ter encontrado beleza alguma nos ditos colares e decididamente tentou correr-los de lá para fora.

«Não percebo porque é que imbitam connosco! O ano passado o sr. Presidente da Câmara passou por cá e até foi muito simpático, deixou-nos cá estar. O meu médico já chegou a falar para o comando da polícia ser em consideração a minha doença psíquica e as minhas condições financeiras. Sou bastante doente há uns anos e bastante medicado, gasto uma fortuna em medicamentos para

mim e para a minha mulher que é doente pulmonar. Ainda tenho uma filha de 11 anos para sustentar, no entanto só recebo 3.000\$00 por mês da Caixa de Previdência que vão quase todos para a farmácia. Já está a ver necessito de vender as bijutarias que vou fazendo. É que isto até me distrai e faz-me esquecer a doença. Tenho muito gosto no único trabalho que faço! Só é pena, quando vem cá a polícia chatear; no Porto toda a gente vende e não há problema».

Um desabafo de um deles, que afinal de contas vive do que consegue vender pelas ruas de cidades como a nossa.

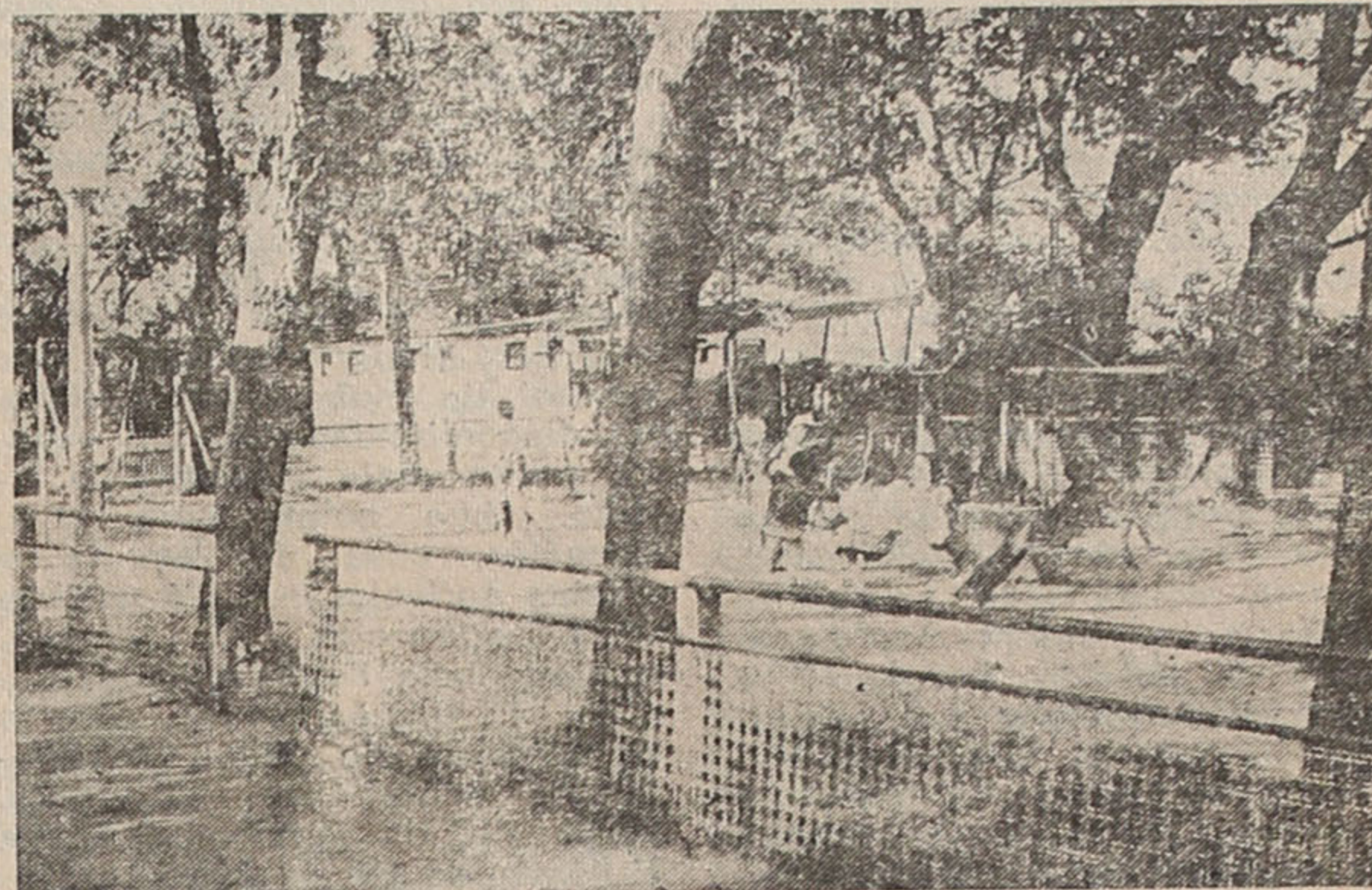
De tigela na mão e missangas no fio lá vão tecendo coloridas pulseiras e brinços que não ficam atrás das que se vendem nas grandes lojas de centros comerciais.

## Já não se pode dizer bem!

Há dois ou três meses publicamos aqui a carta de uma nossa leitora que se referia, em termos encomiásticos, à situação do Parque João de Deus, única zona realmente verde da cidade. Nessa altura, subscrevemos totalmente essa tomada de posição. Só que agora, a coisa mudou! E, neste caso, somos nós, Redacção deste jornal, a dizer que algo vai mal no Parque João de Deus. Folhas pelo chão, são ao monte; alguns

dos canteiros dão um aspecto de desprezo que em nada abona os cuidados que deveriam ser postos na conservação desse recinto; a terminar, num dos dias em que demos por lá uma volta, o recinto para recreio das crianças estava a 50%, no que respeita a aparelhos montados para divertimentos dos putos!

Será assim que se pretende criar ali um lugar de lazer para a população?



Um parque infantil (às vezes) a meio-gás...

## FERNANDO RODRIGUES LIMA

TRAVESSA DA RUA 5

TRASEIRAS DA GARAGEM SOUSA — TELEF. 721739

Distribuidor dos papeis COLOWALL com nova colecção para 1983/84 acabada de sair, VIMURA, PARÊTA, PARATI, etc. Pavimentos para cozinhas e casa de banho, Alcatifas, etc.

ORÇAMENTOS GRATIS

## Incúria ou distração?

Graças à Avenida Espinho-Granja o acesso dos veículos ligeiros à nossa cidade está, de há uns tempos para cá, bastante facilitado. E pena é que aquela boa via de acesso a Espinho ainda esteja a ser utilizada com demasiada frequência por alguns veículos pesados que, notoriamente, a danificam. Mas o que nos leva a redigir esta pequena nota não é algo relacionado com o abuso que os «pesados» fazem da refe-

rida artéria.

A questão é outra, e prende-se com a ausência de uma placa indicativa de «Espinho» quando o viajante atinge os limites da cidade. Será isso tão difícil? Será a colocação dessa placa um trabalho ciclópico? Na nossa modesta opinião, achamos que não! Venha essa placa, já! Ao menos para que as pessoas saibam que terras pisam...

## NOS REGISTOS DA POLÍCIA

### Quando todo o cuidado é pouco...

Ao contrário do que vem acontecendo nas últimas semanas em que estes registos têm «sobrevivido» quase exclusivamente com acidentes de viação, hoje trazemos dois casos de detenção, ambos com um ponto comum já que se trata de dois indivíduos do sexo feminino.

Assim no dia primeiro deste mês que agora se aproxima do seu termo Maria Odete Monteiro Augusto, ainda jovem de 28 anos e solteira, residente na Adega Paraíso, foi detida por

ter contra ela pendentes mandatos de captura emanados da autoridade judicial.

Com a Alice Pereira de Assunção as coisas já foram um pouco diferentes. Estávamos no dia 3, e pelas 1,5 horas da madrugada ela foi abordada por um agente da PSP. Mas, numa atitude aparentemente sem explicação e para espanto do guarda, a Alice, de 22 anos e moradora ali nos Altos Céus em Anta, começou a insultar o seu interlocutor com inúmeros pala-

vrões, e chegando mesmo a chamar-lhe «paranoico». O resultado, como é óbvio, não poderia ser outro que não uma «estadia», mais ou menos prolongada, o juiz o dirá, na esquadra.

Mas ao contrário do que poderíamos dar a entender na nossa pequena introdução, ainda aqui nos resta o relato de um acidente. E o menos agradável é que nele é interveniente uma criança de 5 anos que foi vítima de um atropelamento, numa rua tão movimentada como é a Av. 24, quando eram 21,25 horas do dia 11 passado. Trata-se do Pedro Manuel de Oliveira da Silva, residente na mesma Avenida, que foi colhido pelo automóvel ligeiro de Ernesto de Oliveira Valente, residente em Ovar. Do sinistro resultou para a criança um ferimento contuso no frontal e escoriações na região lombar. Aqui fica pois um aviso a todos os pais, que mais não quer dizer, que todo o cuidado é pouco.

## Município de Espinho — EDITAL n.º 31/83

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal de Espinho:

Faz público que, até às 17 horas do dia 3 do próximo mês de Agosto se aceitam na Secretaria da Câmara, propostas em carta fechada para a arrematação de duas viaturas pesadas, (consideradas sucata), marca «Bedford e Commer» com as matrículas IG-34-64 e MR-54-98, respectivamente.

Igualmente se aceitam propostas para arrematação doutros materiais também considerados sucata que se encontram depositados no mesmo local das viaturas acima mencionadas.

Os materiais podem ser observados, todos os dias úteis, durante as horas normais de expediente nos armazéns da Câmara sítos no extremo Nascente da Rua 25 desta cidade.

A Câmara reserva-se o direito de não fazer adjudicação, no

caso do preço proposto não salvaguardar os seus interesses.

E para constar se publica este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume e publicados nos jornais locais e eu, Vicente Lopes, Chefe da Secretaria o subscrevi.

Espinho, 11 de Julho de 1983

O Presidente da Câmara,  
Artur Pereira Bártolo

SNACK-BAR  
MARISQUEIRA  
RESTAURANTE

"SEREIA"

Av. 8, 702 — ESPINHO

J. C. Machado Peralta

MÉDICO

Rua do Calvário - SILVALDE  
Tel. 723018

Rua 11 n.º 868 - Tel. 724176  
4500 ESPINHO

Rui Abrantes

ADVOGADO

Rua 18 n.º 582-1.º Esq.  
Sala 3

Telef. 723811 — ESPINHO

Talho e Charcutaria  
CENTRAL

Joaquim F. Nogueira da Fonseca  
(RAIMUNDO)

BOAS CARNES — SERVIR BEM

Rua 15 n.º 268 — ESPINHO  
Tel. 721929

Casa especializada em artigos para Noivas  
Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã  
**ESPOSABELA**

Rua 12 n.º 589 — Telef. 724203 — ESPINHO

## S. FÉLIX DA MARINHA

## Tradição folclórica revive!

Um número muito significativo de freguesias de Vila Nova de Gaia tem um rancho folclórico, alguns com grandes tradições e projecção além fronteiras.

O Centro de Recreio Popular da S. F. da Marinha conta entre as suas variadas actividades recreativas e culturais um rancho folclórico. Fundado em 1959, é formado actualmente por 50 elementos entre tocata, coro e dançadores. O seu repertório é baseado nos cantares e danças de entre o Douro e Vila da Feira. Os trajes na sua policromia e variedade são genuínos ou reconstruídos. Neste caso, o rigor na confecção vai desde o tipo de tecido até ao fecho. Para isso, o rancho conta com a colaboração técnica e amiga do presidente da Federação de Folclore Português, o sr. Augusto Gomes dos Santos. Os dançadores apresentam o traje domingueiro, o traje de ir à missa, o de noivas, o traje de lavrador rico, o traje de lavrador pobre, o do moleiro, o do podador e o de campo. Todos eles estão ligados a aspectos religiosos ou actividades do campo, o que denota que os cantares tradicionais e genuinamente populares estão ligados à vida do campo e encontram nas gentes do campo os seus mais fiéis depositários.

As cantigas de amigo, compostas pelos trovadores de Entre Douro e Minho ilustram a existência já em Portucale de uma viva e rica tradição folclórica, que atravessou as dificuldades dos séculos e se continua nos nossos dias. A criação de novos ranchos e a consequente pesquisa dos cantares e danças do nosso povo são o sinal mais evidente da consciência que se vai tomando do tesouro valiosíssimo que constitui a nossa cultura popular e folclórica. Não fossem estes grupos e correríamos o risco de perder irremediavelmente algu-

mas jóias culturais.

O rancho está a passar por um período de revitalização. Durante muito tempo viveu num estado de quase letargia, com uma actividade pouco significativa. Em consequência, a sua projecção não era a desejada e os subsídios escasseavam.

Integrado nas comemorações do 24.º aniversário do Centro de Recreio, que decorrerão de 23 de Julho a 6 de Agosto, vai realizar-se o 1.º Festival Folclórico de S. Félix da Marinha que terá lugar no campo de futebol do clube local, à falta da disponibilidade de um espaço muito mais sugestivo e típico. Uma quinta com erva, canastro, casa de lavoura e alfaias agrícolas seria o cenário mais adequado. O festival, apoiado pela Federação de Folclore Português, conta com a participação do Grupo Folclórico de Santa Cruz, Vila Meã, Amarante, do Rancho de Santa Eufémia de Pé de Moura, Gondomar, do Grupo Coral e Etnográfico — os camponeses de Pias (Baixo Alentejo), do Grupo Folclórico dos Pescadores de Vila Chã, Vila do Conde e do Rancho Folclórico de Santa Eulália de Lamelas, Santo Tirso.

### O FUTURO

O intercâmbio com os grupos participantes no festival é um projecto imediato. Este ano, o grupo já efectuou duas saídas e estão programadas mais catorze. Toda esta intensa actividade tem como objectivo a sua integração na Federação e espalhar pelo país o seu nome e o seu folclore.

Os responsáveis pelo rancho estão vivamente empenhados em dar-lhe a projecção que merece. Só falta que os apoios oficiais surjam para que este projecto não seja condenado ao fracasso. O rancho folclórico de S. Félix da Marinha tem de viver e crescer.

# Rolando de Sousa e Arq. Rui Lacerda, depõem

Na sequência da recolha de opiniões sobre a resolução Camarária que aprovou o encerramento da rua 19 temos hoje mais testemunhos.

Hoje ouvimos e registamos os depoimentos do vereador Rolando Sousa, autor da proposta e o arquitecto Rui Lacerda. Do primeiro soubemos as razões e as dificuldades que se deparam na sua aplicação. Do outro, registamos uma circunstanciada opinião de como deve ser aproveitado o «sítio».

Este é, pois mais um contributo e um meio para o aprofundar de todas as questões do debate público pretendido.

## ARQ. RUI LACERDA:

### Dar à rua 19 "humanidade"

O que pensa da proposta da Câmara sobre o fecho da rua 19 ao trânsito e como julga que esta poderia ser efectuada?

#### «APOIO TOTALMENTE A PROPOSTA DA CÂMARA»

Acho que já é altura de conceder prioridade aos peões e privilegiar o espaço a eles destinado, torná-lo num lugar de encontro, lazer e mais importante ainda, num lugar de «TROCA» em todos os sentidos.

Numa perspectiva de solução para o novo sítio, penso que teremos de ter em conta três premissas que constituem e formam o respectivo sítio: o céu, os muros, as fachadas e os pisos. O máximo de cuidado na ocupação da segunda e terceira premissa, uma vez que a primeira sendo natural, proporcionará mutações constantes. Isto, porque a nova sala de estar para os cidadãos deve ser um todo, onde todos os elementos que a com-

õem sejam conexos, formem uma unidade, senão vejamos: os edifícios são distintos uns dos outros, as árvores também, e rua é um elemento separador de todos os outros elementos; penso que se deve jogar com harmonia destes elementos, tendo cuidado com a concepção dos edifícios (materiais, forma, etc.), para que as pessoas se sintam bem e, factor importante é que a textura do pavimento seja de tal forma, cujo significado, seja «PRIORIDADE AOS PEÕES». Daí a aposta que o elemento conciliador de todos os outros seja o pavimento. Há que usar materiais diversos (madeiras, árvores, relva, tijolo, ferro, betão, etc.), e darão sítio aquilo que necessita «HUMANIDADE».

Portanto, as bases para o espaço a criar serão duas: a caligrafia horizontal e a vertical. O homem tratará do resto. Ele sentir-se-á bem na sala de estar que vai transformar. Há no entanto, elementos ocasionais

importantes neste tipo de espaço tais como: instalações de cafés com esplanadas, os café-concerto, a música ambiente, a ocupação exterior pelo comércio a inclusão da cor, com toldes, painéis, publicidade, etc. É isto que se faz lá fora mais incidentalmente em França, é aí onde as pessoas fazem do espaço a elas destinado um local de «TROCA».

Há no entanto, que salvaguardar horas para carga e descarga e entrada de bombeiros e ambulâncias.

Quanto ao estacionamento, não me preocupa sobremaneira, embora seja um problema que se terá de ir resolvendo, mas acho que é altura de as pessoas pensarem em não entrar (quase) com o carro dentro do café, do cinema, loja, etc. A sala da nossa cidade é perfeitamente compatível com a circulação pedestre. As distâncias não são grandes que justifiquem o uso e abuso do automóvel.

## ROLANDO DE SOUSA:

### "Muito trânsito na origem da proposta"

MV — Porquê o aparecimento desta proposta?

RS — Esta proposta só agora aparece porque estou na Câmara há pouco tempo. Por outro lado, é o fruto de recolha de opiniões colhidas de várias pessoas e que nesta altura estão dispostas a aceitar o que agora se propõe. Acresce ainda o facto de ter nascido e crescido na rua 19, para que a proposta tenha sido por mim apresentada.

MV — Quais as razões que estão na sua origem?

RS — O aumento constante do trânsito automóvel e a falta de segurança dos peões. O intenso e caótico trânsito que actualmente se regista nesta artéria, chegando a existir duas filas de carros frequentemente formadas e a necessidade de criar espaços para os peões.

MV — Pretende-se criar ali uma zona verde?

RS — A proposta aparece para na eventualidade de o pi-

cadeiro desaparecer, o que de momento não é certo, se criar uma alternativa.

MV — E será aqui o novo Picadeiro?

RS — Penso que nem os habitantes e comerciantes nesta artéria ficarão prejudicados. Para os utentes transformar-se-á num novo centro de convívio e de lazer.

MV — E o escoamento do trânsito para onde se fará?

RS — Passados estes três meses terá de ser estudado, mesmo depois de fechada provisoriamente e só depois se farão os estudos e se poderá avaliar vantagens ou desvantagens.

MV — Que pavimento terá a nova zona de lazer?

RS — O fecho implica a pavimentação, o que implica criar as condições necessárias em função do meio, arborização, pavimento, etc.

MV — E o dinheiro?

RS — É evidente que o fecho da rua e a pavimentação e o arranjo do Largo da Câmara, deverão ser custeados pelos 25% do Imposto de Jogo, em minha opinião.

MV — Prevê-se que os comerciantes terão de pagar alguma taxa suplementar?

RS — Não se prevê qualquer taxa suplementar, uma vez que o comércio existente não está preparado para essa alteração. Esta proposta foi elaborada com muito cuidado. Aliás, está expresso na proposta a alteração que se pretende introduzir diz respeito a toda a população espalhada e ela só se efectuará depois e auscultada toda a população.

Outro aspecto que tem sido menos focado é o fecho da praça frente à Câmara e o consequente alargamento do Parque João de Deus.

Aliás, esta proposta vem no seguimento de uma apresentada e existente na Câmara que se remonta ao início da década de 70.

## Antenor Pereira

AGÊNCIA DE CONTRIBUENTES  
CONTABILIDADE E CONTENCIOSO  
MEDIADOR DE SEGUROS

Rua da Fonte - Silvalde — Tel. 723489 — ESPINHO

## Pinto de Matos

MÉDICO ESPECIALISTA  
Doenças dos Ossos — Articulações

2.ª FEIRAS:  
Consultas para Crianças

4.ª e 6.ª FEIRAS:  
Consultas para Adultos

Rua 19 n.º 364 - 1.º — Telef. 721218  
E S P I N H O

## CLINICA GERAL

### J. Pinheiro de Moraes

RUA 20 N.º 300

TELEF. 720452

## Manuel Correia da Silva

ADVOGADO

Praça General Humberto Delgado, 287-4.º  
Sala 46

Telefs. 23457 - 7641745  
4000 PORTO

## Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º

Telefone 721014

E S P I N H O

reunião da câmara

Fado dos cheirinhos...

assembleia municipal

Muito se disse, tudo se adiou

Quando passaram aquelas três horas que durou a última sessão pública da CME, chegámos à conclusão de que tínhamos «ouvido» o Fado dos Cheirinhos do Carlos do Carmo... É que, efectivamente, esta reunião, teve vários cheirinhos. Vamos a eles:

O primeiro, constante durante quase toda a sessão foi um cheirinho a férias. Toda a verificação (com excepção de José Fonseca que saiu pouco tempo após o início) ostentava uma disposição pré-férias: piadinhas (umas inocentes, outras com um certo laivos de brejeirice) em aspecto geral desportivo (predominavam as cores claras e as blusas de manga curta) e alguns olhares, mais ou menos furtivos para o sol que brilhava lá fora...

O segundo cheirinho, terá sido aquele a que, ainda há duas semanas atrás, nos referíamos: originalidade. Foi mesmo um cheirinho, mas já pode querer dizer alguma coisa; ele partiu de dois dos intervenientes — o Eng.º Pinto Correia e o Vereador Casal Ribeiro, que sugeriram alguns assuntos que não constavam das «famigeradas» fichas; por exemplo a necessidade de proceder, regularmente, à limpeza da «Praia da Baía» e de procurar impedir o acesso automóvel às zonas inferiores da esplanada. Vamos lá ver se a moda pega. Esperemos que sim...

Do terceiro e último cheirinho não se poderá dizer que tenha sido agradável: o pouco interesse da maioria dos assuntos que lá foram tratados; isto com o crónico destaque para a parte das obras uma monstruosa «construção» de coisas repetitivas. Além disto, ficámos a saber que o ex-FFH ainda mexe, no mau sentido da palavra. Desta vez, anda a jogar o jogo do «empurra» com a CME. IE dizemos isto porque, mais uma vez houve dois cidadãos de Espinho que escreveram à Dra. Manuela Eanes no sentido de conseguirem casas. O eterno problema da habitação. Muito naturalmente, esses pedidos são

dirigidos ao FFH que, normalmente os remete aos Serviços Municipais da Habitação das Câmaras. Só que a nossa não dispõe de tais serviços. Não obstante o FFH, que está ao corrente disso, continua a fazer ouvidos de mercador!

UM FINAL MOVIMENTADO... (RELATIVAMENTE)

Problemas relativos a promoções pessoais de alguns funcionários camarários ocuparam demasiado tempo. Entretanto foi concedido ao Cinanima um adiantamento de 150 contos por conta do habitual subsídio para satisfazer necessidades urgentes. Por proposta do Vereador Luís Albernaz, foi aprovada a participação de Espinho no dia de Portugal em Vigo, a decorrer no final deste mês naquela cidade galega; também foi concedida a habitual participação no Concurso de Construções na Areia, e apoiada a realização de um 1.º Concurso de Dressage e Gincana Hípica, a disputar em Agosto; parecer igualmente favorável teve a efectivação de uma Exposição de Artesano, a ter lugar na 3.ª semana do próximo mês.

Já no final da sessão o Vereador Casal Ribeiro informou que, aquando do acidente que vitimou uma senhora, junto ao Rio Largo, em parte por falta da vedação da linha, o Chefe da Estação teria informado alguns munícipes de que os novos painéis para a referida vedação já se encontravam na Estação, esperando a sua colocação por parte da Câmara. Informação falsa, porque ainda em recente contacto com a CP, a CME foi informada que tais painéis ainda não foram enviados.

Para a semana há mais, mas à porta fechada.

Da ordem de trabalhos da sessão da Assembleia Municipal da passada 6.ª feira fazia parte a discussão do Plano de Actividades e a primeira Revisão Orçamental, e ainda a aprovação do novo organigrama e quadro de pessoal dos Serviços Municipalizados. Contudo, por motivos vários, a Assembleia não chegou a cumprir nenhum ponto dos trabalhos, ficando a sua discussão adiada para amanhã, dia 22. De qualquer forma, alguma polémica houve, algumas propostas foram apresentadas a merecerem notícia.

EM MARÉ DE PROTESTOS

Depois de a Assembleia ter aprovado por unanimidade, dois votos de pesar pela morte de Joaquim de Oliveira Rodrigues, deputado municipal pelo PSD, o Dr. Moreira de Sousa (CDS) inaugurou os protestos, lamentando o facto de, na sua qualidade de ex-presidente do Conselho Municipal, não ter sido convocado para a instalação da nova composição daquele órgão. Além disso, referiu-se àquilo que considerou «falta de liquidez e transparência» na nomeação do representante das associações desportivas naquele órgão, acrescentando mesmo ser «discutível» a sua representatividade em relação ao clube que o nomeou, o SCE. Esta segunda parte da sua intervenção, desviou a Assembleia para a discussão de problemas marginais à sua competência, pelo que, o seu presidente interveio, afirmando que tudo se passou como nos anos anteriores, e que a composição do Conselho Municipal acaba por ser, na prática, fruto da vontade dos sectores que representa.

Foram ainda aprovados por unanimidade votos de louvor à Nascente, pela realização da série de colóquios sobre o Renascimento, integrados no âmbito da XVII e de congratulação pela inauguração de postos médicos em Paramos e Silvalde.

APU: UM HOLOFOTE E UM GUINCHO PARA A COMPANHA

Pela voz de Teixeira Lopes, a APU apresentou uma proposta no sentido de a Câmara, após a concretização dos estudos em curso, satisfazer o pedido dos pescadores da Companhia de instalação de um holofote e de um guincho para melhoria das suas condições de trabalho.

Romeu Vitó, presidente da Junta de Freguesia de Espinho, referiu-se aos problemas de trânsito que afectam a recolha do lixo na cidade, propondo que esta se efectue durante a noite.

Também a praia foi motivo de alguma discussão, tendo Guilherme Rodrigues (CDS) proposto a criação de brigadas, no âmbito do OTL que procedessem à limpeza do areal e sensibilização dos veraneantes em relação ao problema da higiene. Domingos Sá referiu-se ao interesse de preservação da praia de Paramos, e aos perigos que correm as populações costeiras face às invasões do mar, propondo que se encare o prolongamento das obras de defesa da costa para sul.

Foi ainda focado o problema

da falta de limpeza no bairro piscatório, a pedir uma intervenção urgente. A falta de tempo motivou que a discussão e a aprovação das propostas transitassem para outra sessão. Algumas delas serão retomadas aquando da discussão do Plano de Actividades.

ELECTRICIDADE: AUMENTOS À VISTA?

A discussão do Plano de Actividades de 1983 e da primeira Revisão Orçamental viria a ser também adiada, à espera de um parecer do Conselho Municipal, que deverá ser emitido até à próxima sessão da Assembleia.

Quanto à proposta de organigrama e quadro de pessoal para os serviços municipalizados, a sua discussão começou por ser posta em causa por Alberto Alves e Madureira Gil (PS) que consideraram ela ser

prematura uma vez que ela teria que ser função do Plano e Orçamento, da decisão sobre a integração dos Serviços Municipalizados na EDP e da posição a tomar quanto ao aumento das tarifas.

Numa intervenção bastante clara sobre o assunto, o vereador Casal Ribeiro esclareceu que não se trata propriamente de «integração» daqueles serviços na EDP mas sim de «concessão» e que será necessário um processo negocial em que os interesses do concelho sejam salvaguardados. Quanto ao Plano e Orçamento, ele tem a ver com o preenchimento dos lugares que o quadro de pessoal prevê, não implicando que a Assembleia se pronuncie sobre a organização dos serviços. Casal Ribeiro acrescentou ainda que a proposta em discussão emanou primitivamente da Comissão de Trabalhadores dos Serviços Municipalizados, tendo sido posteriormente modificada e aprovada pelo Conselho de Administração e pela Câmara; com ela se pretende que no plano organizativo se dêem passos definitivos na resolução dos numerosos problemas e carências com que se debatem os Serviços Municipalizados do nosso concelho. Finalmente a discussão da proposta ficou também adiada para a próxima sessão.

Levemente aflorado, foi o problema do aumento das tarifas de electricidade, pelo que se espera que, em breve, ele seja motivo de discussão nos órgãos autárquicos concelhios.

À margem

«QUOUSQUE...»

«...andem, caçilina, abutere patientia nostra?» disse o deputado Moreira de Sousa (CDS) a propósito do seu protesto sobre o Conselho Municipal. E se Cícero, o autor destas palavras, tinha a fama de bom orador, já o deputado Moreira de Sousa metia os pés pelas mãos, mesmo sem latim, para confusão dos presentes. Não deixou contudo de falar em namoros medievais, com damas e cavaleiros à mistura e com divórcios inevitáveis, tal como «aconteceu com a AD». É claro que em causa estava a nomeação de Luís Gomes, ex-presidente da Assembleia Municipal, para representar o SCE no Conselho

Municipal. Já agora, o latínório traduzido por miúdos, quer dizer «até quando abusarás da nossa paciência, catilina?»

COMPANHEIROS DEPUTADOS

O presidente da Assembleia Municipal, Ferreira de Campos, ao encerrar a sessão, desabafou: «Companheiros?...» Mas, prontamente se apercebeu traído pelo próprio entusiasmo, e acrescentou «Mas... bem... no fim de contas nós somos todos companheiros...» Não conseguiu, contudo, levantar alguns olhares pouco amistosos que lhe dirigiram os grupos de direita...

Lustres em cristal, de esmerada confecção e toda a gama de apliques / candeeiros, etc. (Preços de fábrica, 40% menos que nas lojas da especialidade)

construímos e restauramos

Salão de Exposição e venda ao público na:

**Fábrica Domingues & Martins, Lda.**

com sede na Rua 1 — Às escolas do Engenho

Telef. 53573(044) — MARINHA GRANDE

Damos garantia dos modelos por nós produzidos

Contacte-nos todos os dias úteis, incluindo sábados e domingos, para onde deverão marcar dia e hora a que deverá ser atendido.

Brinde surpresa especialmente para noivos.

Descontos especiais para construtores e empreiteiros.

CAN - CAN II

BOITE PIANO BAR DISCOTECA

O seu ponto de encontro Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.

Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — E S P I N H O

# NO "VICKING 1.º" RUMO A NORTE

## MUDAM-SE OS TEMPOS...

continuação da página 8

va. rapazes que por obra e graça de uma Ordenação da Rainha D. Maria I, gozavam do privilégio de escapar à dura vida do serviço militar, esde que vissem da faina do mar desde os 14 anos.

### TEMPOS DE FARTURA

As vezes, das desgraças de uns vem o proveito dos outros mesmo que estes não contribuam com intenção ou obra para que tal aconteça.

Assim aconteceu quando este século corria os seus primeiros anos e a peste bubónica obrigou a que a cidade do Porto e seus arredores fossem isolados por um cordão sanitário que vinha até aqui bem próximo, a S. Félix da Marinha.

Ora calhou nesse ano que a sardinha visitasse a nossa costa em cardumes numerosos. E porque as dificuldades eram muitas, os preços altos que sempre a elas se associam exigiram que o peixe fosse bem pago.

Conta-se que, nesse ano, se chegava a medir o cobre do dinheiro em tijelas de barro cozido.

### NA ÉPOCA AUREA

A Companhia cresceu e, como tudo o que cresce, foi exigindo cada vez mais à força e ao engenho dos homens. Foi assim que vieram os bois para puxarem as redes, seguindo o exemplo do que já se passava em praias de Paramos. Aí o proprietário da companhia tirava tamanhos lucros à custa dos

seus trabalhadores que se diz ter possuído à beira-mar uma casa de madeira para férias que no Inverno, era transportada nos carros de bois para longe do mar enraivecidos pelos ventos próprios da época.

Chegaram mesmo em Espinho a trabalharem cinco a seis companhias. O rendimento de cada uma não ultrapassava os seis mil escudos e ia cair, quase todo, nos bolsos dos armadores.

Curiosamente, em 1968, quando já só uma companhia existia, ela rendeu à volta de setecentos contos, com a mesma distribuição.

As redes chegaram a ser puxadas por vinte e quatro juntas de bois, doze de cada lado, numa altura em que se chegavam a fazer cinco lanços diários. Hoje, porque a rede vem mais perto da costa, e porque a companhia rende menos, o seu número diminuiu significativamente.

### A MUGIGANGA

Mas o mar não era só companhia. Em tempos, contavam-se pelas dezenas as bateiras que apanhavam o carangueijo, destinado a servir como adubo em terras de cultivo. Cada uma das bateiras levava cinco homens que saíam para o mar ao fim da tarde, quando o trabalho da companhia estava terminado, e só regressavam quando clareava a madrugada.

A gente do mar chamava a este tipo de pesca a «mugiganga».

ao mar, enquanto os outros remam. Apesar da mecanização que o progresso trouxe, os momentos cruciais exigem sempre a força dos homens, eternizando um ritual que é simultaneamente um hino à sua capacidade colectiva. É assim ao lançar da rede, é assim ao puxá-la para terra nos últimos metros, quando o peixe está próximo.

É este o momento de justificarem a sua vinda ao mar, e os homens têm consciência disso. Alguns puxam conversa, outros carregam a face com uma expressão grave que o olhar preso ao mar, o cigarro ao canto da boca e as rugas de muitos anos de faina acentuam.

Entretanto, a corrente que vem de norte encosta-se à proa envolve-a num abraço de água escura que impede o barco de avançar. Os homens redobram forças: as mãos crispadas fundem-se com a madeira dos remos e esta com o próprio barco, no desejo de vencer o obstáculo. O barco continua imóvel: é preciso ainda mais força e os homens aceitam o desafio. Gritam sincopadamente ao ritmo da remada encorajando-se mutuamente. Finalmente o barco move-se deixando para trás as águas movediças, furtadoras do rumo procurado.

### REGRESSO

A última bóia anuncia o fim da rede que desce-lha nas ondas o semicírculo traçado pela nossa rota. O motor começa a funcionar, trazendo-nos de volta em

direcção à terra que parece cada vez maior.

Também a bruma se associa à alegria da tarefa cumprida, retirando mar adentro no anúncio de um dia com muito sol.

Sobressaindo do amarelo dourado da areia, os pontos negros e moventes vão ganhando pernas, braços, um rosto com a expressão que não esconde o desejo da chegada.

O barco beija a areia. Alguns homens saltam para terra e lançam a corda para que as juntas de bois o puxem. Fazem-no a custo e, mais uma vez, é a mão do homem que decide, colocando o barco sobre a areia, definitivo.

### A CHEGADA DA REDE

A praia está cheia de gente. São antigos pescadores matando saudades; são as peixeiras que vêm comprar o peixe; são crianças, muitas, que vêm gozar o espectáculo, sempre igual e sempre novo; são simples curiosos, alguns turistas atraídos pelo pitoresco da cena; são ainda os cães, para arranjar um almoço no meio da confusão alegre das pessoas.

Mas são também as juntas de bois e os homens que as guiam. Vêm de Silvalde, de Anta, de Para-

mos e até de Esmoriz. Vão trazer a rede para terra, com o peixe que lhe dá sentido.

As bóias aproximam-se. A praia anima-se mais e os bois puxam com mais força. Nos últimos metros, os homens da companhia ajudam. Surge então o borbulhar prateado e irrequieto do peixe que, entre as malhas da rede, procura ainda alcançar a água salivadora.

As pessoas mergulham sobre a rede; agora, rematam-se preços.

«Todos os pescadores ganham à percentagem. Todos os pescadores trabalham por fora, porque a faina não dá para viver...»

Para o Arrais, a pesca não é mais ocupação única. E o pouco que a Companhia oferece aos que nela trabalham, terá acabado com a tradição de o ofício passar sempre de pais para filhos. Os problemas avolumam-se e as necessidades também. Até o pedido de um holofote e de um guincho parece demorar a ser satisfeito...

Contudo, apesar de todas as dificuldades, a companhia existe. Para orgulho dos que, com a sua determinação, continuam a enfrentar o mar em terras de Espinho.

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

## Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO

RUA 19 N.º 294

ESPINHO

## Auto-Branco

DE  
ARMANDO M. V BRANCO

Oficina de Reparações de Automóveis — COMPRA E VENDA  
Representante: Pneus CAMAC, Baterias, Peças, etc.

Pronto Socorro Permanente

Instalações:

Estrada de Anta — Telef. 723394 — 4500 ESPINHO



Faça-nos uma visita e ficará cliente

Avenida 24 n.º 827 — Telef. 721630 — ESPINHO

RESTAURANTE \* SNACK-BAR

Sob a gerência do Aquário Marisqueira  
ABERTO ATÉ AS 2 HORAS DA MANHÃ

PRATOS REGIONAIS  
SERVIÇO A LISTA  
MARISCOS SEMPRE FRESCOS  
SALA PARA BANQUETES

## SPORTING CLUBE DE ESPINHO

GRANDIOSO SORTEIO  
1982/83

Avisam-se os concorrentes que para terem direito aos prémios finais, a sortear no próximo dia 28/7, terão de liquidar as suas senhas até 26/7/83.

A DIRECÇÃO

## Casa Romeu

FILIPE RÓDRIGUES VITÓ & FILHOS, LIMITADA

## Oculista Vitó

2 CASAS ONDE O BOM GOSTO IMPERA

R. 19 n.º 299 e 242 - Tels. 721433/723056 - ESPINHO

Café  
Grill  
Snack-Bar

## GREICE

Rua 62 n.º 730 — ESPINHO

Visite-nos e será n/ Cliente

# Prof. Luís Resende faz a

## « radiografia » da época

Na passada semana fizemos uma entrevista com o dr. José Mendes, chefe do Departamento de Futebol Profissional do SCE. Hoje, é a vez de ouvirmos outro responsável por uma modalidade de grande destaque em Espinho — o Voleibol. Aqui ficam, pois, as opiniões, talvez polémicas, do Prof. Luís Resende, responsável técnico pela equipa sénior masculina do SCE, numa modalidade de grandes tradições na nossa cidade.

**MV** — Um rápido balanço do que foi a época de 82/83...

**LR** — O SCE terminou o Campeonato Nacional no 3.º lugar, o que, em meu entender, foi o limite máximo, em função das condições de trabalho «oferecidas» pelo clube; no entanto penso que tal classificação ficou ligeiramente aquém das reais possibilidades, em termos qualitativos, dos elementos que actualmente constituem a equipa...

**MV** — Mas, não houve condições, por parte do SCE?

**LR** — Não! Embora, por amor à verdade, sinta necessidade de justificar um «não»: Em 1.º lugar, é sobejamente conhecido que o SCE, em função do seu

eletismo, vive, de alguns anos a esta parte, uma crise de crescimento. Concretizando — a quantidade e qualidade de instalações não permite, de forma alguma, conter a quantidade de secções existentes. Por isso, penso ser urgente definir uma política desportiva global do clube, que aponte, claramente, quais os objectivos desportivos do clube, definindo critérios de importância e prioridades. Só como exemplo: a equipa sénior de volei masculino não pode disputar, em plano de igualdade, as instalações com a Ginástica de Manutenção... Em 2.º lugar, é necessário estruturar o Departamento amador, colocar as pessoas certas na estrutura, definir tarefas e competências...

E, então, homens da política, passaram para gestores desportivos... Acho que o desporto é que ficou a perder com a troca...

**MV** — Diz-se que o SCE fez uma carreira irregular. Concorde?

**LR** — Absolutamente! E há várias razões para tal: deficientes condições de trabalho, que tornam tremendamente difícil motivar os atletas para uma pre-

paração para a competição, de uma forma regular. Isto, naturalmente, tem que ter um reflexo negativo no comportamento na competição! Depois, o actual esquema das provas não é minimamente motivador, por ser excessivamente longo — 11 meses de competição! No entanto, penso que isto já foi ultrapassado, na medida em que, no penúltimo Congresso da FPV, foi proposto e aceite um novo esquema de competição

que entrará em vigor na próxima época. Finalmente, o actual plantel é muitíssimo bom, mas... curto! Temos 6 jogadores de grande valor, e outros 2 de valor manifestamente inferior, mas que têm a virtude de reconhecer o seu posicionamento no grupo, e que, sempre que são solicitados, tentam o possível e o impossível por cumprir o que lhes é pedido. Por isso, aqui fica o meu muito obrigado para eles!

### O voleibol do SCE em termos futuros...

**MV** — O reforço Chico Camacho corresponde ao que se esperava?

**LR** — No volei, pensar numa pessoa como «Salvador» é absolutamente impossível! Apostámos no reconhecido nível qualitativo da totalidade da actual equipa, e tentámos juntar um reforço que, em meu entender, funcionou! Mas o abaixamento de forma de um ou outro elemento e algumas lesões reduziram, na prática, o rendimento normal da equipa. No entanto, talvez seja bom lembrar que só perdemos com as duas equipas melhor classificadas, no terreno delas e pela desvantagem mínima...

**MV** — E o Chico ficará cá para a próxima época?

**LR** — Acho que a pergunta está mal endereçada!... No entanto, pelo convívio e intimidade conseguidos, e mesmo até pelo facto de ele já ter afirmado o seu desejo de ficar, a troca de um emprego que lhe garanta a subsistência económica, penso que isso poderá depender apenas do interesse dos actuais dirigentes do clube...

**MV** — Ao SCE cabe agora na Taça CEV defrontar o Stade Français. Quais as perspectivas?

**LR** — Para já, começo por pôr em dúvida essa participação!... Isto porque já nesta época, o SCE conquistou o direito desportivo de estar numa competição europeia. Só que isto não se concretizou, por dificuldades financeiras. Mas um dos problemas da nossa possível participação na Taça CEV reside também no facto de que a DGD não atribuiu subsídio algum para a participação portuguesa nesta competição... Por tudo isto acho que é tempo de a secção de volei do SCE copiar os modelos já existentes no nosso País (Queluz/Pionner, Leixões/Longa Vida) e conseguir uma dinâmica própria, por intermédio duma empresa patrocinadora, abandonando a actual inércia da DAA... E, quando digo «empresa patrocinadora» não se pense, tão somente, em empresa financiadora, porque estou quase capaz de garantir que o montante do investimento, no caso concreto do volei do SCE, é um investimento com retorno...

*Um depoimento, sem dúvida, a levantar uma certa polémica. É, acima de tudo, uma tomada de posição consciente sobre uma secção muito importante na vida do Sporting de Espinho. Ela aqui fica.*

### BANCADA DE IMPRENSA

*Estamos numa altura de defeso, em termos desportivos. Aqui, mesmo ao lado desta despreziosa colunazinha, poderão os leitores passar algum tempo a ler a entrevista que o Prof. Luís Resende nos concedeu, a propósito da época voleibolística dos seniores masculinos do SCE. Entrevista que, como aí dizemos, é polémica. E polémica pela simples razão de que nela são, frontalmente, abordados alguns dos problemas que afectam não só o voleibol do Sporting de Espinho; não! a questão é mais ampla, e pode ser alargada a todo o desporto nacional. O que por cá se passa é, meramente, uma parte de um todo. A realidade é que o desporto nacional está a precisar, com a máxima urgência, de tratamento intensivo! Só que não sabemos se ainda se irá tempo...*

### AAE promove XVI Torneio de Futebol de Salão

O Verão é, um pouco por toda a parte, a época dos torneios de Futebol de Salão. Por cá também isso se passa. Assim, e mais uma vez, a Associação Académica de Espinho vai levar a efeito no seu Pavilhão o habitual Torneio de Futebol de Salão. Com início a 1 de Agosto, o sorteio realiza-se no próximo sábado. Quanto a prémios, haverá Taças para os 1.ºs classificados de cada série, para os 4 primeiros da fase final, a habitual Taça Disciplina e ainda taças para o melhor marcador e o melhor guarda-redes. Além disto, todos os participantes na fase final receberão medalhas.

### Ass. Cantinho da Rambóia comemorou 10.º aniversário

No passado dia 9, no Campo do Rio Largo, a Ass. Cantinho da Rambóia levou a efeito um programa desportivo, em comemoração do seu 10.º aniversário. Em 1.º lugar efectuou-se um jogo de iniciados entre o clube em festa e a Ass. Desportiva de Esmojães, que os primeiros venceram por 2-1.

Depois, nas categorias principais jogaram o G. D. V. «Os Belenenses» e o Império de Anta. Com um empate a uma bola no final dos 90 m. recorreu-se à marcação de grandes penalidades, tendo saído vencedora a equipa de Anta, que assim ficou com a Taça Adega João Pinhal.

Depois defrontaram-se o Cantinho da Rambóia e o Rio Largo F. C.. Venceu o clube aniversariante por 1-0, conquistando assim a Taça Arq.º Fernando Silva.

Ao fim da tarde foi oferecida uma sardinhada a todos os atletas e sócios do clube e à noite a festa terminou com um baile.

### Dirigentes desportivos precisam-se...

Ainda no que diz respeito a esta questão, sou de opinião de que um clube não seja gerido por «carolas», no sentido negativo do termo, porque, actualmente, já não chega a boa-vontade e o espírito de sacrifício! É também necessária a competência. É do conhecimento geral que grandes gestores desportivos de outrora são hoje figuras destacadas da política nacional. Por outro lado, é também conhecido que, aqui ou acolá, este circuito se inverteu.

### COM VASTO PROGRAMA

### F. C. Juventude Silvaldinho está em festa

Todas as colectividades populares vão, cada uma à sua maneira, promovendo a prática do desporto. O F. C. Juventude de Silvaldinho está a comemorar dez anos de vida. Do programa constam várias manifestações desportivas, dentre as quais destacamos: Torneios de

futebol de salão, um torneio de «snooker» um ciclo-convívio a Francelos e uma mini-maratona.

Como se vê, um programa variado em que o importante é participar. Entretanto, informamos que para informações mais completas, poderão os interessados telefonar para o 722123.

### LIONS CLUBE DE ESPINHO

#### « NOITE DE ESPINHO »

O Lions Clube de Espinho vem por este meio agradecer a todos quantos ofereceram a sua colaboração artística ao sarau «Noite de Espinho», o magnífico espectáculo que proporcionaram na passada noite de 25 de Junho, no Salão Nobre do Casino.

O Lions Clube de Espinho não quer também deixar de agradecer aos Órgãos da Comunicação Social desta cidade a cobertura que se dignaram dar ao sarau «Noite de Espinho», bem como as críticas e sugestões formuladas, com todo o interesse para serem consideradas em realizações futuras.

Entretanto o Lions Clube de Espinho também pode desde já anunciar que, ciente do interesse artístico-cultural da sua iniciativa, se propõe desde já organizar anualmente a «Noite de Espinho», correspondendo assim aos votos e sugestões que nesse sentido lhe estão a ser endereçadas pelas mais diversas entidades e Colectividades.

## LAVANDARIA

### LAVAR

A MAIS AVANÇADA  
TÉCNICA NA LIMPEZA E  
TRATAMENTO DO SEU  
VESTUÁRIO



Limpeza a seco — Lavagem  
e secagem de roupa branca,  
couros e antílopes

SERVIÇO RÁPIDO

RIBEIRO, VALENTE & C.ª, L.ª

RUA 12 N.º 640 — TELEF. 723704

ESPINHO

## NO MAR COM A COMPANHA

# NO "VICKING 1.º" RUMO A NORTE

A actividade piscatória sempre foi importante em Espinho. De principal meio de subsistência das populações a chamariz turístico vai, porém, uma grande distância, em que as aspirações dos mais interessados são, tantas vezes, esquecidas.

Hoje, a companhia continua a ser importante; não tanto pelo pitoresco dos postais ilustrados, mas porque ainda é ganha pão de muita gente, daqueles que nela directa ou indirectamente participam. E depois, ela fala-nos do encanto carregado de perigos e coragem de os vencer que é, no fundo, a vida do mar.

Por tudo isto, achámos importante contar como é. Metemo-nos no barco e fomos com a companhia à procura da reportagem.



Em pleno mar, durante a faina

### PREPARATIVOS

De tudo quanto é paisagem, a do mar é concerteza a mais surpreendente. A manhã ainda mal começou insinuando-se tímida por sobre a bruma suave que cobre a costa e as ondas de uma atmosfera irreal e indefinida, e já o sonho desperta a evocar viagens sem fim.

Na areia da praia, junto ao mar, um barco desenha a sua silhueta elegante de meia-lua. Na proa, pintado a tinta vermelha, lê-se um nome: «Vicking 1.º». À sua volta, os homens fazem os preparativos para a partida, carregando a rede, as

cordas e a esperança de cada um.

«Dantes, os barcos eram muito maiores. Chegavam mesmo a levar trinta pessoas para a arte. Agora, o trabalho já não dá para tanto. Este barquinho está aqui há três anos, e veio da Vieira de Leiria onde trabalhou um ano» diz-nos o Arrais, enquanto interroga com os olhos a rebentação suave das ondas.

Subimos a bordo e sentamo-nos na proa. Conosco, vão nove homens; outros tantos ficam em terra, para um trabalho tão importante quanto o dos que vão ao mar.

### PARTIDA

O barco desliza na areia sobre os toscos barrotes de madeira, empurrado pelos homens. Logo, fende a espuma da rebentação e eleva a proa impelido pela crista da primeira onda. A remada vigorosa distancia-o a pouco e pouco da costa; agora, já se pode ligar o motor. A hélice deixa atrás de nós um sulco de espuma enquanto que o barco prossegue ligeiro por entre o embalar suave da vaga mansa.

Seguimos rente ao esporão de rocha e pés-de-galinha que a defesa da costa fez construir ali, a sul da cidade. Os homens atiram dichotes aos que, encavalitados nas pedras, aproveitam a manhã para, de cana e linha, ocuparem o seu lazer, quem sabe se na esperança de um almoço diferente.

«A construção deste esporão veio melhorar as nossas condições de trabalho porque agora o mar é mais manso, junto à costa. Podemos sair e vir a terra com mais segurança». Palavras do Arrais a lembrar que era precisamente a poucos metros de terra que, por vezes, a rebentação destruía a recompensa merecida pela coragem de ir ao mar.

Contornamos o esporão e aproximamo-nos novamente da praia. Do barco, atiram uma estaca aos homens de terra. A ela está amarrada a corda que será uma das pontas por onde

## MUDAM-SE OS TEMPOS...

### SEMPRE MAL PAGOS

Como tudo quanto anda no mundo e no mundo existe, as artes do mar são hoje uma coisa, amanhã outra, transformando-se ao gosto da evolução pela maré dos anos fora.

Em tempos, a companhia teve dois barcos, que saíam ao mar ao mesmo tempo. Enquanto que um levava as cordas para a viagem de ida, a rede e o saco, ao outro cabia carregar a corda do regresso.

Quando os homens lançavam ao mar a rede, avisavam a terra com um pano amarrado num pau ao jeito de bandeira para que dali fosse logo puxada. Os barcos subiam, trazidos à sirga pela força dos homens ritmado pelo compasso rufado de um tambor.

E se todos puxavam a rede, entre homens, mulheres e crianças, nem todos compartilhavam igualmente do fruto do trabalho do mar. Ninguém tinha soldada certa: do produto da pesca, metade cabia ao dono da companhia e a outra metade era dividida por todos os trabalhadores. As crianças, só a caldeirada era devida...

### GENTE DE FORA

Quando o Verão dava lugar ao Outono, acabada a faina da terra as colheitas, vinham as gentes do campo ajudar à rede. A parte da sardinhada que ganhavam, juntavam-na para salgar, alimentando-se dela nos dias difíceis do Inverno.

Também vinha gente no-

continuação da página 6

## NO PUXAR DA REDE

«A maneira de puxar as redes, com juntas de bois, é o que mais se assemelha a um trabalho dos campos, dando aso a que a imaginação o compare a um trabalho agrícola, nesta região em que, como digo, o mar parece que se ruraliza».

Miguel de Unamuno

Eles aparecem sempre nos postais ou nos catálogos turísticos, a puxar pela rede ou a tirar o barco do mar, fortes, castanhos, de cangas coloridas e já gastas ao pescoço, obedecendo aos gritos roucos que pedem mais força para retirar à água o resultado do esforço. São as juntas de bois, mais um aspecto tão artesanal da pesca que ainda lança mão da força animal, como que evocando tempos distantes deste século XX, em que tudo se parece mecanizado.

Pertencentes normalmente a agricultores, vêm para dar a ajuda à pesca; ajuda muitas vezes ingrata pois, os seus proprietários, são bastante mal pagos (300\$00)

por lanço) e quando o mar não dá peixe, embora tenham dado o seu esforço nada recebem. É um trabalho irregular, porque não se trabalha quando o mar está mau. Mas como a agricultura está má, há que aproveitar todos os furos de modo a que se possa pagar as rações e os próprios bois que vão de dia para dia aumentando de preço.

Outros que se ressentem com este estado de coisas são os que acompanham os animais, que tentam fazer com que eles dêem o máximo possível, até esfolar o cachaço à custa de muita corrida, gritos e de pauladas. Também eles ganham mal...

se puxará a rede, quando tudo estiver terminado.

### PARA NORTE

Partimos outra vez para o largo, rumo a noroeste para lançar a rede.

O barco afasta-se cada vez mais da costa. Lá longe, o casario da cidade desenha o seu contorno irregular onde uma ou outra luz denuncia a noite ainda há pouco finda.

Mas à nossa volta é o mar imenso, prolongando-se céu acima pela neblina opaca e matinal. Estamos como que mergulhados num universo oval e envolvente, do qual somos o centro frágil e preciso. À ré, vamos deixando a corda, o cordão umbilical que persiste em nos afirmar a realidade da terra

que se avista.

A vaga é agora mais forte, sem contudo se tornar agressiva. Na corda surge uma bóia: aí começa a rede, e é preciso lançá-la ao mar. Outras surgirão, para impedir que a rede se afunde, e para dizer a outros barcos que ele está ali, que é preciso contorná-la.

### REDE AO MAR

«A arte da xávega é isso mesmo. Lançamos a rede sem sabermos se ali há peixe, quando a corda se acaba. Depois, ela é puxada de terra», disse-nos o Arrais antes da partida.

Para-se o motor para que a rede não se enrole na hélice. Dois homens vão para a ré e lançam-na

continua na página 6



A expectativa que se tinha avolumado nos dias que antecederam o «jantar de convívio e angariação de fundos» realizado ante-onhem no Casino, saiu, quase diríamos, gorada. A chamada «grande bomba» que muitos esperavam ou nunca existiu (a não ser nalgumas imaginações delirantes) ou foi «desactivada» à última hora.

Mesmo assim, o jantar-convívio decorreu num ambiente animado, e o jantar-angariação de fundos, também não foi mau... A volta de 1300 contos foi o montante apurado entre uma colherada de caldo verde, um peixe indefinível e um lombo assado.

Enfim... nada mau! Mas a «bomba» não estourou. Como era de esperar houve fumo — fogo não...



PORTE  
PAGO

Camara Municipal de  
ESPINHO